

PATHOSFORMEL

Vasco Araújo

Rialto6

Pathosformel, 2020

Instalação

42 impressões digitais sobre fragmentos de cartazes;
esculturas / vídeo; 3 cortinas com texto pintado.

Textos: Pathosformel de Vasco Araújo.

Dimensões variáveis

Textos da instalação:

Talvez a tentativa de consciência de si seja o peso que pesa sobre o espírito. Ou, até, que a tentativa de superar essa consciência de si seja maestria ou leveza de viver, não é?

Conhecer e desconhecer, saber e ignorar delimitam o nosso horizonte e a nossa condição de seres entre o tudo e o nada. Talvez por isso, porque acompanham esse esboço de qualquer coisa que é humana, conhecimento e ignorância tenham, ou possam ter, uma dimensão trágica.

Não te assustes, tudo isto são apenas ruínas da nossa passagem

Tudo isto é como alguém disse... não? Este corpo em que me escondi
gastou-se

Nada é impossível...



Pathosformel, 2020/21

Vídeo 16/9

Duração: 60'32"

Actores: Diogo Bento; Jorge Andrade; Bruno Silva; Arlindo Silva; Diogo Bernardes; Paula Sá Nogueira; Patrícia da Silva; André e. Teodósio; Vasco Araújo; Cláudia Jardim; Rui Cunha Martins; Francisco Rolo; Nuno Nolasco; Joana Barrios; Rita Só; João Abreu.

Voz: Francesco Troisi; Irene Pomatto; Maria José Chousal; Pedro Faro; Rafael Esteves Martins; Matilde Menezes Ferreira; Laura Ward; Tomás Frazer; Luís Estarreja.

Textos: A partir das obras *Die Geburt der tragödie oder Griechertum und Pessimismus* de Friedrich Nietzsche; *Pensar o Trágico* de José Pedro Serra; *O Demónio das imagens* – sobre Aby Warburg de António Guerreiro; *Poesia Completa* de Luís Miguel Nava; *Plantation memories* de Grada Kilomba; *Metamorphoses* de Ovídio. E com textos originais de Rafael Esteves Martins; José Maria Vieira Mendes; Diogo Bento.

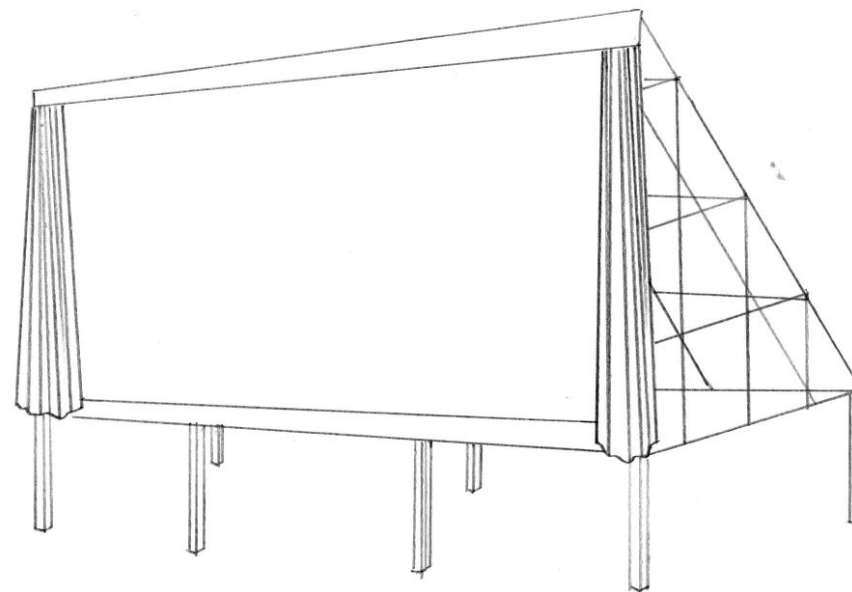
Pinturas: Cartazes com reproduções de pinturas de Bronzino; Lotto; Rafael; Moroni; Ingres e Frescos de Pompeia.

Naturezas-mortas: *Natura morta con vaso di fiori tombada*, Mario Nuzzi (1640); *Stilleven met gouden bier mok*, Willem Claesz Heda (1634); *Bodegón con entrega de membrillos e uvas*, Juan de Zurbarán (1645); *Srilleven met boeken en zandloper*, Anónimo; *Bodegón con alcachofas, frutas y tarros de clavera con flores*, Antonio Ponce (1657); *Pauw en jachttrofeeën*, Jan Weenix (1708).

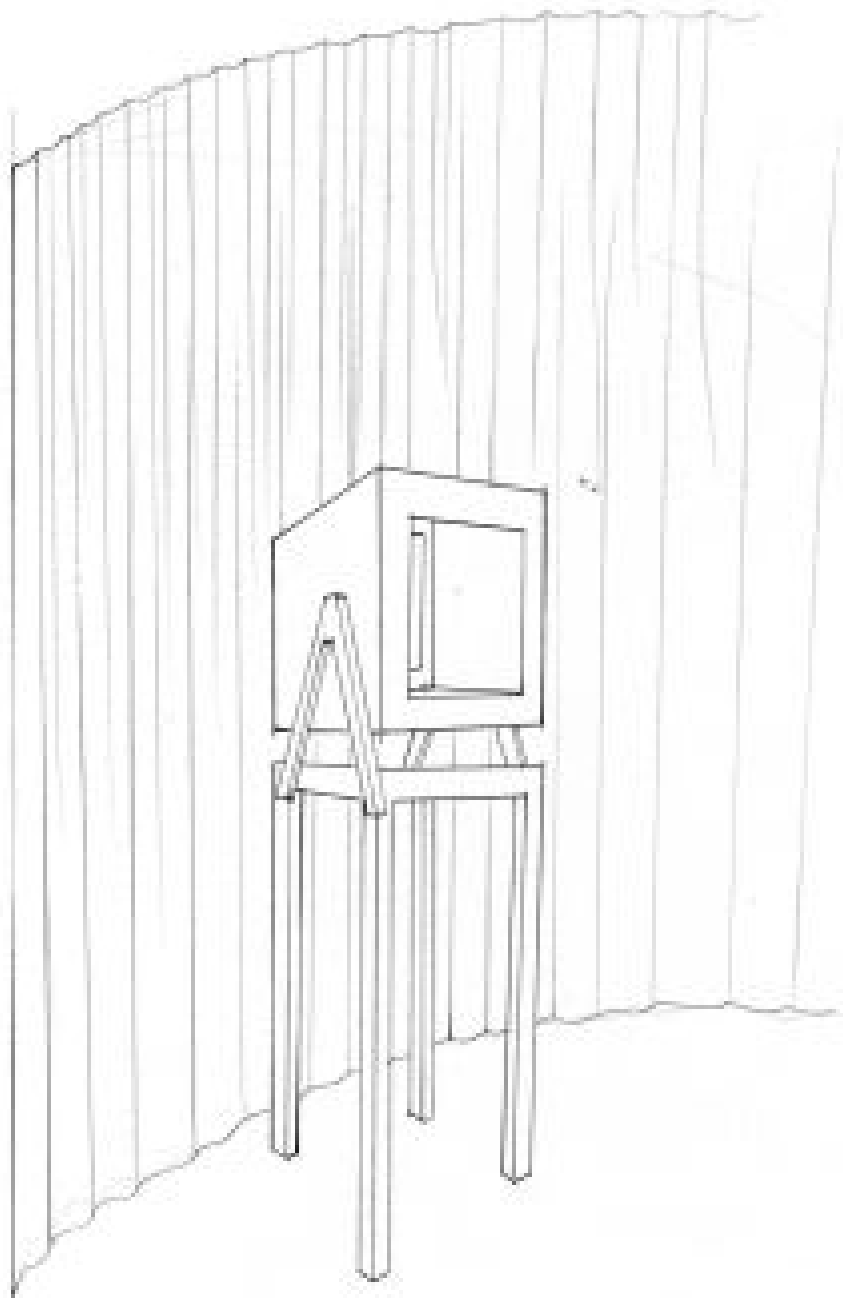
Musica: Música original de Pedro Monteiro a partir de: *Electra* de Richard Strauss; *Adriana Lecouvreur* de F. Cilea. Arranjo para Piano de excertos da ópera “*Electra*” de Richard Strauss, interpretados por Pedro Monteiro. Arranjos para piano de excertos do prelúdio da ópera “*Adriana Lecouvreur*” de F. Cilea interpretados por Pedro Monteiro. Música dos créditos finais interpretado por Pedro Monteiro e Tânia Carvalho.

Dimensões variáveis

PATHOSFORMEL é uma obra/filme interdisciplinar, tanto na forma como no conteúdo. Nesta, através de cenas e episódios, interliga-se um olhar sobre o passado histórico, usando figuras da mitologia greco-romana como forma de reflectir sobre a condição humana. Em PATHOSFORMEL (conceito de Aby Warburg), que, tal como o nome indica, sugere a evocação da experiência do sofrimento através da empatia, contém no seu cerne a ideia de crise entendida enquanto fractura, desarmonia. Este, por assim dizer, desmoronamento, prenuncia uma “experiência” radical e decisiva, onde nenhum elemento, interno ou externo, nem mesmo o final renunciado desde logo pelo título, se encontra garantido. A tónica não é colocada no resultado, mas sim no processo, no desenrolar da experiência. O trabalho não é um “convitativo” leito onde se aconchega o doente para morrer. Exige-se, pois, um distanciamento em relação ao superficial brilho da “quedá” ou à anemia estética da decadência e da morte. É como risco, aliado à própria ideia de crise, que, antes de mais, este trabalho



se apresenta. A estrutura do filme é uma sequência: de acções episódicas unidas por uma cena global; e de intertítulos que, apesar de alinhados por uma cadeia de causa e efeito, não formam uma progressão narrativa, estando o público confrontado com uma narração truncada, sugerindo uma crise de natureza narratológica. Toda a estrutura foca-se na acção verbal, na violência imagética, nas emoções psicológicas e na exaltação dos sentimentos, para também reflectir sobre a forma de suportar a dor causada por forças além do controle individual: a perda que nunca pode ser recuperada; a irreversibilidade do tempo; ou, ainda, uma reflexão sobre o ser humano, o seu destino e o seu viver.



Entre Actos #1, 2020

Vídeoescultura

Madeira pintada, monitor LCD;
auscultadores, leitor multimedia e vídeo.

Intérprete: Fernando Santos

Duração do vídeo: 3'35"

Dimensões: 170x45x40cm

O olhar da Medusa, figura feminina da mitologia grega que petrificava quem a olhasse, inverte-se para fitar directamente um espelho revelando um homem que a encarna enquanto canta um fado sobre a fatalidade do seu destino. Entre Actos #1 (2020), vídeoescultura, opera num exercício desconstrutivo da constância e convencionalidade de determinados sistemas – onde a Medusa pode ser um homem, um homem que olha directamente para um espelho. No mito, é a superfície espelhada do escudo que determina a decapitação da Medusa – aprisionando-a pela sua própria imagem através de um jogo de olhares envolvido em tensões entre o eu e o outro.

Texto do vídeo:

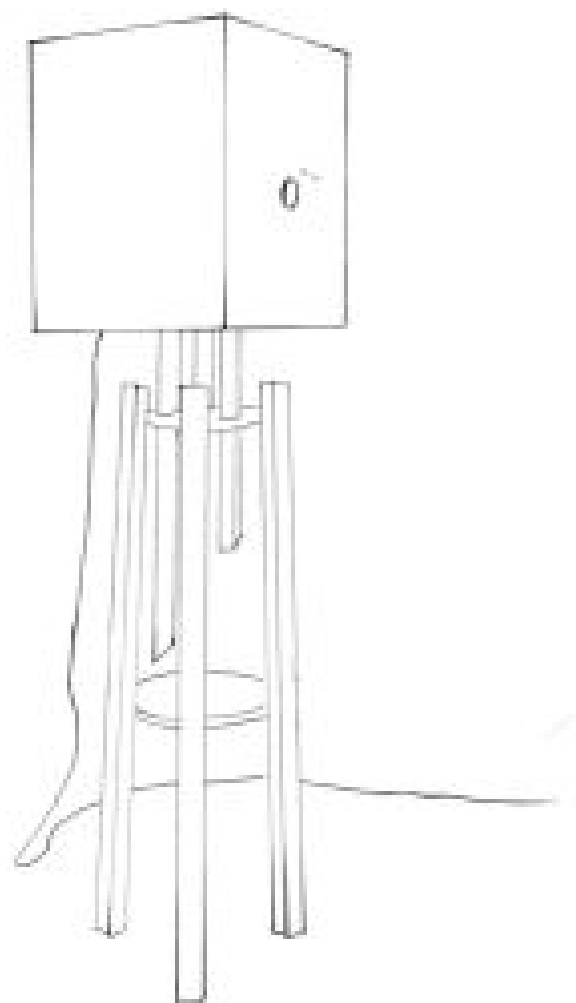
Amália Rodrigues – O Fado De Cada Um

Bem pensado
Todos temos nosso fado
E quem nasce malfadado,
Melhor fado não terá!
Fado é sorte
E do berço até a morte,
Ninguém foge, por mais forte
Ao destino que a vida dá!

No meu fado amargurado
A sina minha
Bem clara se revelou

Pois cantando
Seja quem for adivinha
Na minha voz soluçando
Que eu finjo ser quem não sou!

Bom seria poder um dia
Trocar-te o fado
Por outro fado qualquer
Mas a gente
Já traz o fado marcado
E nenhum mais inclemente
Do que este de ser mulher!



Entre Actos #2, 2020

Vídeoescultura

Madeira pintada, monitor LCD;
auscultadores, leitor multimédia e vídeo.

Intérprete: Luiz Antunes.

Voz: Francisco Fino.

Texto: Diogo Bento.

Duração do vídeo: 3'23"

Dimensões: 165x45x40cm

Entre Actos #2, tal como o próprio título indica, sugere uma ideia de intervalo, de interlúdio ou de algo intermédio face ao todo, inclusivamente por implicar uma experiência individual de visionamento. Esta vídeoescultura exhibe uma representação da pintura *La Mort de Marat* (1793), de Jacques-Louis David, acompanhada pelo relato da carta escrita pelo retratado antes de morrer. Usando frequentemente a antiguidade como metáfora do presente, David representa nesta pintura o momento da morte iminente de um dos líderes da Revolução Francesa, deslocando a morte do homem para a criação do seu mito.

Texto do vídeo:

Meu querido amigo,

É com pouca esperança na humanidade que te escrevo esta carta. Vivemos tempos conturbados. Precisamos de aprender em quem confiar. Caso contrário, corremos sérios riscos de ver a nossa sorte converter-se num desfecho fatal.

Continuamos a olhar o real sob os mais velhos paradigmas. Estamos a ficar espartilhados. Somos demasiado rígidos e obsoletos. Insistimos erradamente na ideia de individualidade. Insistimos em considerar-nos o centro do mundo, do universo. Queremos ver-nos livres de todos os despotismos quando, na verdade, a pior ditadura de todas é aquela que nos aprisiona o pensamento. Nós somos a nossa própria ditadura.

Impomo-nos os mais severos limites. E esses limites somos nós. Eureka!

Deixemos que o fogo, o calor e a luz nos lavem os olhos e nos livrem a alma do coração. Temos de lidar com os opressores devorando os seus corações palpitantes. Ao invés de nos escondermos em catacumbas e cobrirmos com vergonha a própria pele, gritemos que nada de supérfluo nos pode legitimamente pertencer enquanto outros passam necessidades. E é quase tudo. Desde que ontem te vi, não paro de pensar que....

Do you still recognise me?, 2022

Instalação

3 molduras em madeira com texto (poemas de Emily Dickinson);

8 fotografias digitais e texto.

Dimensões variáveis

A instalação é composta por três quadros invertidos com inscrições de excertos de poemas de Emily Dickinson e por onze pequenas molduras com fotografias (Lover's Eyes). Estas fotografias provêm de uma tradição do séc. XVIII em que os amantes usavam pequenas jóias (anéis e medalhões) com a representação dos olhos dos seus amantes. Neste sentido, a instalação "Do you still recognize me?" posiciona-nos sobre a experiência do outro enquanto exercício de memória, reconhecimento e descoberta, enquanto acto íntimo de afecto, ou memória de um acto de amor.

Textos da instalação

I died for Beauty – yet no sooner
Had I settled in my tomb,
Than one who for the truth had perished
Softly lay down by my side.
He asked for whom I fell...
- For Beauty – I declared.



- And I for Truth. They're both the same,
we're brothers – he replied.
And like in the night those who meet converse
From room to room we talked
Until the moss on our lips grew
And our names obscured.
I am nobody! Who are you?
Are you – Nobody – Too?
We are a pair – be silent!
They would expel us – I thought you knew?

Faced with some situations, we are simultaneously the person we think we are, the one we would like others to think we are, or the one they think we are or even the one they use to serve a certain purpose. We never stop imitating ourselves and, perhaps, that is why we allow ourselves to be portrayed.

You see, you must narrate your own life, and you must comprehend it...

Do you still remember me?

You are who you meet, don't you think?

Do you still remember this image?

Are you leaving? Don't leave! I hold you tight... in my hands you left the imprint of your love.

I have reached the bottom. I cannot fall any lower than your heart. What exists between us is better than love: it is complicity, isn't it?

Are you here no more? What a pity... on my skin you left the indelible memory of your taste... I loved you!

Are you still engaged with me?

It is necessary to love someone in order to run the risk of suffering for their sake. I need to love you a great deal in order to remain capable of suffering you. Do you still desire me? All that we know is an impression of ours, and all that we are is someone else's impression, a melodrama of ourselves, who, as we feel ourselves, becomes a free and active spectator of our doings.

Are you still... there?

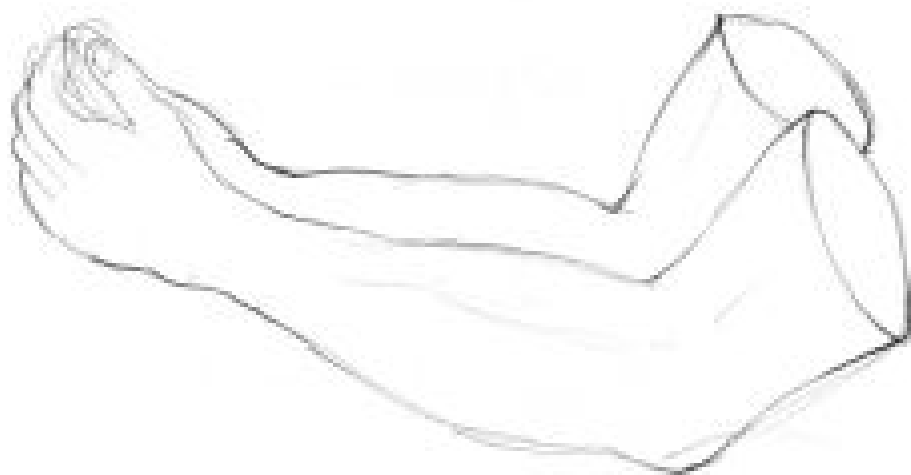
When what you see reminds you of an eternal love, 2022

Escultura

Resina acrílica, corda.

Dimensões: 47x15x12cm

Esta escultura em resina acrílica pintada, coloca-nos sobre a experiência do corpo, a memória sobre um gesto, uma acção de um corpo sobre um outro, a experiência de um momento de afecto, a memória de um acto de amor. Compostas por mãos e braços entrelaçados e amarrados por cordas, estas esculturas abrem um espaço, através da memória, à procura de liberdade enquanto seres humanos.



When what you see reminds you of a moment of sharing, 2021

Escultura

Resina acrílica, corda.

Dimensões: 27x15x12cm

Esta escultura em resina acrílica pintada coloca-nos sobre a experiência do corpo, a memória sobre um gesto, uma acção de um corpo sobre um outro, a experiência de um momento de afecto, a memória de um acto de amor. Compostas por mãos entrelaçadas e suspensas em cordas, estas esculturas abrem um espaço, através da memória, à procura de liberdade enquanto seres humanos.



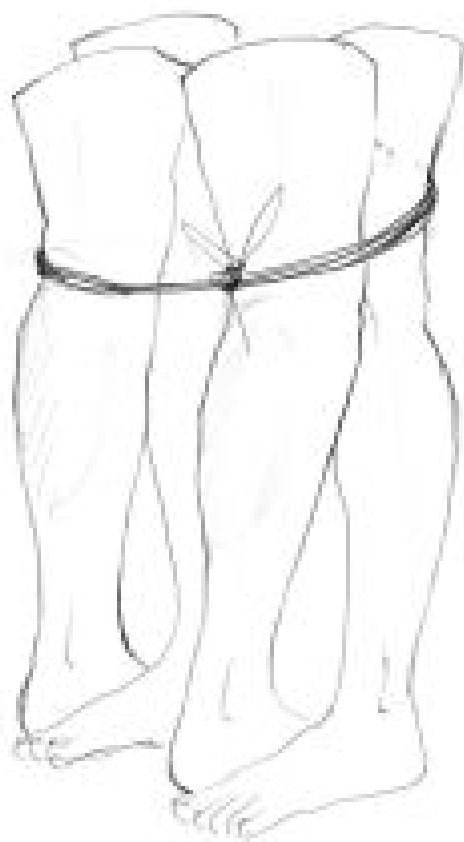
When what you see reminds you of him, 2022

Escultura

Resina acrílica, corda.

Dimensões: 70x50x42cm

Esta escultura em resina acrílica pintada, coloca-nos sobre a experiência do corpo, a memória sobre um gesto, uma acção de um corpo sobre um outro, a experiência de um momento de afecto, a memória de um acto de amor. Compostas por pernas e pés entrelaçados e amarrados por cordas, estas esculturas abrem um espaço, através da memória, à procura de liberdade enquanto seres humanos.



Entre o tempo e o desengano... #2, 2022

Instalação

3 caixas de madeira pintadas, 3 impressões em papel de cor.

Texto: de Vasco Araújo a partir de vários autores.

Dimensões variáveis

A instalação é constituída por três volumes de folhas de duas dimensões diferentes (64 x 44 x 25 cm e 100 x 70 x 25 cm). Cada um dos volumes de folhas amontoadas contém impressões diferentes de fotografias de lápides em pedra com frases de diversos autores sobre o desejo, a morte e a consciência enquanto processo evolutivo.

Frases das folhas:

- “O melhor que podemos fazer, dado que não temos um conhecimento perfeito do nosso ser, nem do nosso ser em confronto com os outros, é conceber um princípio de perplexidade, e viver nesse princípio de perplexidade que nos obriga sempre a escolher o caminho do conhecimento e não o da ignorância. Precisamos dos outros como espelhos para o nosso conhecimento, para o “conhece-te a ti mesmo”. “O conhecimento pode ser trágico mas é o que nos torna, a todos, mais humanos”.

- Nada do que é humano nos é alheio... (Publio Terêncio Afro)

- “O conhecimento é trágico mas torna-nos, a todos, mais humanos”.



Rialto6

rialto6.org

Obras com o apoio de:



CATOLICA
ESCOLA DAS ARTES
PORTO